

E se eu gostasse muito de criar

Helena Almeida tem novas histórias e cumplicidades de estúdio, para mostrar nesta exposição **SÍLVIA SOUTO CUNHA**

É um regresso, ainda que o termo seja retórico: a consagrada Helena Almeida continua a fazer a sua particular e coerentíssima pesquisa pictórica, desmontando lugares comuns e percepções sobre a pintura. *Desenho*, título programático que esmiuçaria importante parte da produção conceptual da artista plástica, revela 12 trabalhos recentes: quatro desenhos datados de 2012 e oito fotografias de 2014, incluindo aqui duas imagens pintadas. Em todos, está patente a omnipresença do corpo da própria Helena, a exploração da espacialidade, a encenação no estúdio, a diluição entre técnicas, o exercício do humor, as múltiplas leituras de um corpo de trabalho que mantém impressionantes vitalidade e acutilância.

Numa das séries fotográficas agora patentes, o corpo da pintora encena

uma relação – um bailado de distância e proximidade, um corpo a corpo sem vencedor e vencido evidentes, um jogo de gato e rato – com uma superfície amarfanhada (a proverbial folha de papel em branco? Um sudário? O lençol conjugal?...). O corpo está acompanhado por uma simples cadeira, o cenário mantém a característica nudez e rigor arquitetónico, as fotografias usam o reconhecível preto-e-branco.

Mas olhe-se para as imagens ao lado, e eis que o corpo tombou, rente ao chão: um fio desordenado faz-se desenho visível, manchas vermelhas imprimem expressividade à cena – é a erupção da pintura que nos habituámos a ver na produção de tantos anos (essas manchas azuis que saem do pincel, ou tapam o corpo).

Helena Almeida capta-se em acção, como se as foto-

grafias fossem registos das performances acontecidas entre as quatro paredes do estúdio, *stills* de cinema, quadrados de banda desenhada ampliados. Aqui, há histórias a acontecerem, ou narrativas que já aconteceram, ou eventos prestes a eclodirem. As fotografias são desenhos em trânsito, pois o corpo da artista é usado como um carvão. Um braço que se estende, um corpo que

DESENHO

Galeria Filomena Soares
R. da Manutenção,
80, T. 218 624122.

4 dez-7 mar, ter-
sáb 10-20h

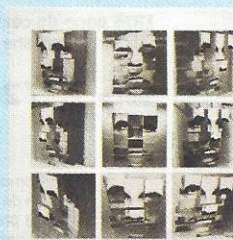
se dobra, uma mão que se abre - elementos simples que configuram uma experimentação sem fim, variação *ad infinitum*.

Mas, por uma vez, poder-se-ia dizer que a artista plástica não está completamente sozinha no seu palco: uma outra camada, de leituras e significados, pode ser escavada, ou sugerida, pela mostra paralela dedicada ao marido, o arquiteto e escultor Artur Rosa (ver caixa), na mesma altura e na mesma galeria. Cúmplice constante, Artur Rosa é quem fotografa Helena Almeida no estúdio, assim concretizando a obra desta. Uma parceria apenas desvendada em raros momentos (numa série recente, havia imagens, carregadas de simbolismo, das pernas de ambos, amarradas uma à outra, com um estreito fio). Este é um outro desenho, mental e emocional, à espera de ser delineado...

Ver Artur Rosa

Escultor com obra pública, o fotógrafo «invisível» de Helena Almeida apresenta *Escada*: uma peça restaurada, datada dos anos

80, a que se junta ainda uma projeção de slides de trabalhos seus, realizados entre 1961 e 1984, marcados pela espacialidade e pela cor.



Auto-retrato, 1978

© FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN